

POLÍTICA
ALÉM DA NOTÍCIA

Um difícil diálogo

A "venda" da idéia do pacto político, pelo presidente José Sarney, esbarra em alguns obstáculos que, sem serem precisamente intransponíveis, causam ao Chefe do Governo certos constrangimentos para fazer o proselitismo de sua tese por não encontrar receptividade nas primeiras colocações. Em termos mais claros: o Presidente da República não quer confrontar-se com o presidente da Câmara, que seria o articulador ideal para o pacto.

Na verdade, o deputado Ulysses Guimarães foi escolhido pelo então presidente eleito Tancredo Neves para administrar, como presidente da Câmara, um entendimento interpartidário, acima das facções da Aliança Democrática, para a remoção do entulho constitucional e fixação de um calendário de restauração das prerrogativas do Congresso. Funcionando como gestor político das forças da Aliança, o dr. Ulysses, como é respeitosamente chamado, deixaria o Presidente da República livre para instalar a Nova República, dentro dos preceitos das mudanças de metodologia administrativa.

Com o governo Sarney, a divisão de trabalho foi alterada, pois o presidente da Câmara, que já tinha assegurada sua parte como co-protagonista dos rumos do novo regime, teve novamente que percorrer as vias das negociações internas para ver reafirmada sua posição. Nesse processo, o presidente da Câmara operou numa linha de extrema sensibilidade, pois, cada vez que se reunia com seus pares do PMDB, ou com os ministros do Governo por ele indicados, parecia estar avançando demasiadamente nos limites da autoridade do presidente Sarney. Em última análise, o deputado Ulysses Guimarães foi até considerado como instigador de um "governo paralelo".

Difícil será para o velho líder de batalhas do PMDB e das oposições brasileiras acertar com o presidente José Sarney o mesmo tipo de contrato de repartição do poder que mantinha com Tancredo. Já com o falecido presidente aliás, as emulações eram substanciais. No dia da eleição de Tancredo Neves pelo colégio eleitoral, ao chegar ao edifício do Congresso, saudado efusivamente por uma multidão apaixonada, Ulysses en-

treviu nas lágrimas de sua mulher, Dona Mora, o reflexo de um desalento, como a exprimir: "Você é que deveria estar sendo eleito hoje".

Mas o atual Presidente, senhor dos compromissos da Aliança Democrática, não poderá abrir mão de seu poder de iniciativa. Respeitará, no máximo de sua capacidade de transigência a presença em cena de um dr. Ulysses resoluto a manter suas convicções, entre as quais a de não dever presidir o pacto político idealizado pelo Presidente da República. É uma posição pessoal, que José Sarney respeita e acata, mas sem poder ao mesmo tempo se furtar na busca de soluções políticas para compatibilizar seu programa de afirmação pessoal com o programa de salvação nacional.

Os operadores do pacto político deverão ser buscados pelo Presidente da República em sua próxima reunião na Granja do Torto com os líderes e presidentes dos partidos políticos. O presidente da Câmara, que é também presidente do PMDB, não deixará, nessa qualidade, de emprestar ao chefe do Poder colaboração judiciosa e experimentada no trato da questão político-institucional. O regime civil, para sua estabilidade e sustentação, precisa mais do dr. Ulysses Guimarães do que das estruturas jurídicas. O Presidente da República, todavia, não pôde conferir-lhe o "status" de condestável e tutor do regime, tanto quanto não o concedeu aos chefes militares. O Governo buscará suas próprias vias de negociação, sem passar pelo crivo peculiar ao falecido presidente Tancredo Neves: o atual Presidente é mais cauteloso, não tem um histórico de atuação nas campanhas do PMDB, mas é legitimamente o chefe político da Nação e condutor da Aliança Democrática, sem atender exclusivamente a qualquer de suas facções ou partidos que a integram.

Não faria o Presidente da República, contudo, qualquer tipo de restrição ao comportamento do deputado Ulysses Guimarães. Como noviço em cena, cabe ao Presidente ter paciência redobrada, e cuidados ampliados, e só.